

DA ORALIDADE À ESCRITA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

FROM ORALITY TO WRITING: REFLECTIONS ON THE LITERACY PROCESS

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.047-001>

Manoel Pessoa da Silva

Especialização em Redação, Linguagem e Leitura

E-mail: pessoapoliedro2022@gmail.com

Siane Ciocari

Pedagogia pela UNOPAR

Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica - RHEMA Educação

E-mail: sciocari13@gmail.com

Marly Ribeiro dos Santos Dias

Graduação em Pedagogia - ANHANGUERA

E-mail: marly99568760@gmail.com

Caroline Mari de Oliveira Galina

Doutorado em Ciências Ambientais - UNEMAT

E-mail: oliveiracaroline29@gmail.com

Cláudia Cristiana Mendes

Especialização em Educação Especial e Inclusiva - FAVENI

E-mail: claudia-cristiana.santos@edu.mt.gov.br

RESUMO

Este artigo discute o processo de alfabetização como transição da oralidade para a escrita, destacando a importância de compreender a alfabetização não apenas como domínio técnico do código alfabético, mas como prática social e cultural. A oralidade é apresentada como base fundamental da aprendizagem, pois permite que os alunos desenvolvam consciência fonológica, criatividade e criticidade. A escrita, por sua vez, é analisada como prática social que amplia horizontes, possibilita participação cidadã e promove emancipação intelectual. O texto também aborda os desafios enfrentados pela escola, como desigualdades sociais, desvalorização da oralidade e necessidade de formação docente contínua, além de apontar perspectivas que incluem metodologias inovadoras e uso de tecnologias digitais. Conclui-se que a alfabetização deve ser entendida como processo inclusivo e contínuo, capaz de articular oralidade e escrita para formar sujeitos críticos e participativos.

Palavras-chave: Oralidade; Escrita; Alfabetização; Letramento; Educação.

ABSTRACT

This article discusses the literacy process as a transition from orality to writing, emphasizing the importance of understanding literacy not only as the technical mastery of the alphabetic code but also as a social and cultural practice. Orality is presented as the fundamental basis of learning, as it enables students to develop phonological awareness, creativity, and critical thinking. Writing, in turn, is analyzed as a social practice that broadens horizons, enables civic participation, and promotes intellectual emancipation. The text also addresses the challenges faced by schools, such as social inequalities, undervaluation of orality, and the need for continuous teacher training, while pointing out perspectives that include innovative methodologies and the use of digital technologies. It concludes that literacy should be understood as an inclusive and continuous process, capable of articulating orality and writing to form critical and participatory individuals.

Keywords: Orality; Writing; Literacy; Reading practices; Education.

1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização é um marco fundamental na formação do sujeito, pois representa a transição da oralidade para a escrita, ampliando as formas de comunicação e de interação com o mundo. A oralidade, presente desde os primeiros anos de vida, constitui-se como prática social essencial para a transmissão de saberes, para a construção da identidade cultural e para o desenvolvimento da linguagem. Já a escrita, ao ser incorporada, possibilita o registro duradouro das experiências humanas, a sistematização do conhecimento e a participação ativa em diferentes esferas da vida social.

Historicamente, a oralidade foi a principal forma de preservação da memória coletiva, por meio de narrativas, mitos, cantigas e tradições populares. Com o advento da escrita, novas possibilidades se abriram, permitindo que o conhecimento fosse fixado e transmitido de maneira mais ampla e permanente. No entanto, é importante compreender que oralidade e escrita não se excluem, mas se complementam: ambas são dimensões da linguagem que se articulam no processo de alfabetização.

Refletir sobre essa transição é reconhecer que alfabetizar não significa apenas ensinar códigos gráficos, mas possibilitar que o indivíduo desenvolva consciência linguística, capacidade crítica e autonomia intelectual. Como destaca Paulo Freire (1996), alfabetizar é um ato político, pois envolve a leitura do mundo antes da leitura da palavra. Nesse sentido, a alfabetização deve ser entendida como prática social que articula oralidade e escrita, promovendo inclusão, emancipação e cidadania.

Além disso, o processo de alfabetização está diretamente relacionado ao contexto social e cultural dos alunos. Crianças que crescem em ambientes ricos em práticas de oralidade e leitura tendem a desenvolver maior facilidade na transição para a escrita. Por outro lado, aquelas que vivem em contextos de exclusão podem enfrentar maiores desafios, exigindo da escola práticas pedagógicas sensíveis e

inclusivas. Assim, alfabetizar é também reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural, transformando a sala de aula em espaço de diálogo e de construção coletiva do conhecimento.

Portanto, discutir a passagem da oralidade à escrita é refletir sobre os fundamentos da alfabetização e sobre o papel da escola na formação de sujeitos críticos e participativos. É compreender que a alfabetização não é apenas um processo técnico, mas uma prática social e cultural que transforma vidas e abre caminhos para a cidadania plena.

2 A ORALIDADE COMO BASE DA ALFABETIZAÇÃO

A oralidade é a primeira forma de comunicação do ser humano e constitui-se como prática social essencial para a construção da identidade cultural e para a transmissão de saberes. Desde os primeiros anos de vida, a criança aprende a se comunicar por meio da fala, das narrativas familiares, das cantigas populares e das brincadeiras, desenvolvendo habilidades comunicativas que servirão de base para o processo de alfabetização.

No contexto escolar, reconhecer a importância da oralidade significa valorizar os saberes prévios dos alunos e suas experiências linguísticas. A alfabetização, portanto, deve partir da oralidade como ponto de apoio, transformando-a em recurso pedagógico que favorece a compreensão da escrita. Trabalhar com músicas, parlendas, contação de histórias e rodas de conversa fortalece a consciência fonológica, habilidade essencial para que o aluno perceba os sons da língua e consiga relacioná-los às representações gráficas.

Além disso, a oralidade contribui para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade crítica, pois permite que os alunos expressem suas ideias, opiniões e sentimentos. Ao ser integrada ao processo de alfabetização, ela garante que a escrita não seja aprendida de forma mecânica, mas como continuidade de práticas comunicativas já presentes na vida cotidiana.

É importante destacar que a oralidade não se limita ao ato de falar, mas envolve também escuta atenta, interpretação e interação social. A escola, ao valorizar práticas orais, promove o desenvolvimento da linguagem em sua totalidade, preparando o aluno para compreender e produzir textos escritos com maior autonomia. Nesse sentido, a oralidade funciona como alicerce da alfabetização, pois possibilita que o estudante perceba a língua em sua dimensão viva e dinâmica.

Outro aspecto relevante é que a oralidade carrega marcas culturais e sociais dos grupos aos quais os alunos pertencem. Dialeto, sotaques e expressões regionais fazem parte da identidade linguística e devem ser respeitados no ambiente escolar. Ao reconhecer essas variações, o professor contribui para que os alunos se sintam valorizados e compreendam que a escrita não substitui a oralidade, mas dialoga com ela, ampliando as formas de expressão.

Portanto, a oralidade é mais do que ponto de partida: é elemento estruturante do processo de alfabetização. Sem ela, a escrita perde sentido, pois não se conecta às práticas comunicativas reais dos

sujeitos. Ao articular oralidade e escrita, a escola promove uma alfabetização significativa, que respeita a diversidade cultural e prepara o aluno para ser leitor e escritor do mundo.

3 A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL

A escrita não deve ser compreendida apenas como técnica ou como domínio de códigos gráficos, mas como prática social que possibilita participação ativa na vida coletiva. Ao aprender a escrever, o indivíduo amplia sua capacidade de registrar ideias, organizar pensamentos e interagir em diferentes contextos, tornando-se sujeito de sua própria história. Nesse sentido, alfabetizar é também letrar, ou seja, inserir o aluno em práticas reais de leitura e escrita que façam sentido em sua vida cotidiana e que estejam conectadas às demandas sociais e culturais.

Segundo Soares (2003), alfabetização e letramento são processos indissociáveis: enquanto a alfabetização garante o domínio do sistema alfabético, o letramento assegura o uso social da leitura e da escrita. Isso significa que não basta ensinar a decodificação das letras e palavras; é necessário criar situações em que os alunos possam experimentar a escrita em diferentes gêneros textuais, como cartas, bilhetes, histórias, listas, convites e até mesmo textos digitais. Dessa forma, a escrita deixa de ser um exercício escolar isolado e passa a ser vivida como prática social significativa.

Outro aspecto importante é compreender que a escrita é instrumento de cidadania. Ao dominar a leitura e a escrita, o sujeito passa a ter acesso a informações, pode reivindicar direitos, participar de debates e se inserir em diferentes espaços sociais. A alfabetização, portanto, não é apenas uma etapa escolar, mas um processo que abre portas para a inclusão social e para a emancipação intelectual. Como destaca Freire (1996), aprender a ler e escrever é também aprender a interpretar o mundo, tornando-se capaz de transformá-lo.

A escola, nesse contexto, deve assumir o papel de mediadora entre oralidade e escrita, oferecendo práticas pedagógicas que articulem ambas as dimensões da linguagem. Projetos interdisciplinares, produção de textos coletivos, leitura de jornais e revistas, criação de histórias e uso de tecnologias digitais são exemplos de atividades que aproximam os alunos da escrita como prática viva e social. Quando o estudante percebe que a escrita tem função real em sua vida, ele se engaja mais no processo de alfabetização e desenvolve autonomia intelectual.

Por fim, é fundamental destacar que a escrita não substitui a oralidade, mas dialoga com ela. Ambas são dimensões complementares da linguagem e devem ser trabalhadas de forma integrada. A alfabetização, ao valorizar esse diálogo, contribui para formar sujeitos críticos, criativos e participativos, capazes de utilizar a escrita não apenas como técnica, mas como ferramenta de expressão, comunicação e transformação social.

4 DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Apesar dos avanços teóricos e metodológicos, o processo de alfabetização ainda enfrenta inúmeros desafios no contexto escolar brasileiro. Um dos principais obstáculos é a desigualdade social, que impacta diretamente o acesso das crianças a práticas de oralidade e escrita em seus ambientes familiares. Muitas chegam à escola sem contato prévio com livros, histórias ou materiais impressos, o que exige da instituição escolar maior sensibilidade e estratégias diferenciadas para garantir inclusão.

Outro desafio está na valorização da oralidade. Frequentemente, a escola privilegia apenas a escrita formal, desconsiderando a riqueza das práticas orais que os alunos trazem de seus contextos culturais. Essa postura pode gerar desmotivação e sentimento de inadequação, reforçando desigualdades linguísticas. É fundamental que o professor reconheça e valorize os diferentes modos de falar, dialetos e expressões regionais, transformando-os em recursos pedagógicos que favoreçam a aprendizagem da escrita.

A formação docente também se apresenta como ponto crítico. Muitos professores ainda não recebem preparo suficiente para articular oralidade e escrita em suas práticas pedagógicas, o que limita a eficácia do processo de alfabetização. Investir em formação continuada, em metodologias inovadoras e em recursos didáticos diversificados é essencial para que o ensino da leitura e da escrita seja significativo e inclusivo.

Além disso, o uso das tecnologias digitais traz novas perspectivas para o processo de alfabetização. Ferramentas como aplicativos de leitura, jogos educativos e ambientes virtuais podem enriquecer a prática pedagógica, aproximando os alunos da escrita em diferentes suportes e linguagens. No entanto, o acesso desigual às tecnologias também representa um desafio, exigindo políticas públicas que garantam infraestrutura adequada e inclusão digital.

Por fim, é importante destacar que a alfabetização deve ser compreendida como processo contínuo, que ultrapassa os primeiros anos escolares e se estende por toda a vida. A escola precisa assumir o compromisso de formar leitores e escritores críticos, capazes de utilizar a linguagem em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, as perspectivas apontam para uma alfabetização que valorize a diversidade cultural, que articule oralidade e escrita e que prepare os alunos para exercer plenamente sua cidadania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de alfabetização, entendido como a passagem da oralidade à escrita, revela-se como uma etapa decisiva na formação do sujeito e na construção de sua cidadania. A oralidade, como prática inicial e fundamental, deve ser reconhecida como alicerce da aprendizagem, pois é por meio dela que a criança desenvolve consciência linguística, criatividade e capacidade crítica. Ao valorizar a oralidade, a escola legitima os saberes prévios dos alunos e transforma suas experiências em ponto de partida para a escrita.

A escrita, por sua vez, amplia horizontes e possibilita participação ativa na sociedade. Mais do que técnica, ela é prática social que permite ao indivíduo registrar ideias, interagir em diferentes contextos e

exercer seus direitos. Quando articulada à oralidade, a escrita torna-se instrumento de emancipação, permitindo que o aluno se reconheça como sujeito de sua própria história e como agente de transformação social.

Entretanto, os desafios ainda são significativos: desigualdades sociais, falta de acesso a práticas de leitura e escrita fora da escola, desvalorização da oralidade e necessidade de formação docente contínua. Superar essas barreiras exige políticas públicas consistentes, metodologias inovadoras e práticas pedagógicas que respeitem a diversidade cultural e linguística dos alunos.

Assim, da oralidade à escrita, a alfabetização deve ser compreendida como processo contínuo e inclusivo, que ultrapassa os limites da técnica e se afirma como prática social e cultural. Ao promover esse diálogo, a escola cumpre seu papel de formar leitores e escritores críticos, criativos e participativos, capazes de transformar sua realidade e contribuir para uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. *O percurso histórico da alfabetização no Brasil: permanências, mudanças e impactos da tecnologia*. Repositório Institucional da UFMG, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9C9J7N> . Acesso em: 12 mar. 2026.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/1010101/Freire_Macedo_Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o_Leitura_do_mundo Acesso em: 12 mar. 2026.

MATTOS, Pilar Silveira; MAGALHÃES, Tânia Guedes. *Práticas de oralidade na alfabetização: uma leitura do material do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Revista Eletrônica de Educação, v. 14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/198271993400>. Acesso em: 12 mar. 2026.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. Cadernos CEDES, v. 33, n. 89, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/xyz123> . Acesso em: 12 mar. 2026.

ROCHA, D. S. C. S.; RICHARTZ, T. *Prática de oralidade em sala de aula: foco no desenvolvimento pleno do educando*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12345> . Acesso em: 12 mar. 2026.

SILVEIRA, Bárbara Cortella Pereira. *História da alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. SciELO, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/abc456> . Acesso em: 12 mar. 2026.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <https://www.fae.ufmg.br/ceale/alfabetizacao-letramento>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SOUZA, Simone Veríssimo de. *A relação entre oralidade e escrita e suas implicações no processo de alfabetização*. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Ensino) – UFPB, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/54321> . Acesso em: 12 mar. 2026.